

## EXPERIÊNCIAS ALTERNATIVAS QUE ESTÃO DANDO CERTO



### A cura que vem do povo

Pirambu, quinta-feira, 14 horas. Dezenas de mulheres deixam tudo o que estão fazendo para se reunirem na *Casa da Cura*. Levam muitas dúvidas. Falam de seus problemas de nervosismo, depressão, fobia e encontram em cada participante uma solução. Para o tratamento de um insônia, pode ser aconselhado tomar suco de maracujá, fazer massagem ou receber uma visita de rezadeira. "Nós tentamos unir o saber da cultura popular local ao saber científico da psiquiatria", diz o psiquiatra e responsável pelo *Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária*, Adalberto Barreto.

A aranha pintada no centro do auditório simboliza o trabalho desempenhado pela comunidade. "A aranha sem a teia é como o índio sem a terra. Nós fazemos um trabalho de resgate de valores culturais, de vincular os homens entre si", ressalta o médico. É assim que 80% dos problemas são resolvidos dentro da própria comunidade, onde o médico funciona apenas como o facilitador da terapia.

O projeto já ultrapassou as fronteiras do Estado. Chegou a São Paulo, Santa Catarina, Tocantins e somente no Nordeste já foram formados 120 terapeutas comunitários.

### Integração família-hospital

A segregação social e o distanciamento da família são os principais problemas enfrentados pelos doentes mentais. O drama ainda é maior para as mulheres que acumulam a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos. No Hospital de Saúde Mental de Messejana, o maior no Estado em atendimento à distúrbios psíquicos, os pacientes ficam cerca de três semanas internados.

Lutando contra o preconceito e a falta de informação sobre a doença, o hospital está buscando a participação das famílias no tratamento. "Nós chamamos as famílias para dar opiniões e discutir sobre o tratamento", explica a fisioterapeuta Ana

Cristina Sales Lima. A parceria hospital-família começou através dos projetos *Elo de Vida* e *Lugar de Vida*, que defendem o semi-internato. Reunidos em centros com capacidade de 40 vagas cada, os pacientes recebem tratamento terapêutico durante o dia e à noite vão para casa.

Mulheres e homens com quadros crônicos de psicose e esquizofrenia têm no *Lugar da Vida* um espaço de ressocialização. Já os adolescentes e adultos jovens com perfil de doença por abuso de álcool ou drogas ficam reunidos no *Elo de Vida*. Em ambos os projetos os pacientes aprendem atividades profissionais nas oficinas de pintura, carpintaria e teatro.

### Vencendo o preconceito

Modificar o tratamento tradicional e promover a socialização dos que sofrem de distúrbios mentais não é privilégio apenas dos pacientes de Fortaleza. A população do interior também está aprendendo que a doença mental é problema não somente das políticas públicas, mas de toda a sociedade civil.

Há seis anos foi criado em Iguatu o Centro de Atenção Psicossocial-CAPs. O Centro tem como proposta reformar o tratamento da doença mental, antes visto de forma asilar e concentrada no hospital. O projeto teve tanto sucesso que foi expandido para as cidades de Cascavel, Icó, Juazeiro do Norte,

Canindé e Quixadá. "No início, havia uma rejeição da população por achar que o centro só tratava do doido, mas hoje as pessoas de todas as classes sociais procuram e participam ativamente das atividades. Há integração dos clientes com o restante da população", afirma a terapeuta ocupacional Adriana Magalhães Guerra.

Em Quixadá, o Centro atende não somente aos casos graves de psicose, mas também problemas familiares e matrimoniais. Segundo o coordenador e psiquiatra Carlos Magno Barroso, no campo as mulheres também se queixam de ansiedade, depressão e síndrome de pânico.

### Probreza como desafio

"A minha vida mudou completamente". "Eu renasci". As frases fazem parte do depoimento de mulheres da comunidade do Bom Jardim. Pessoas carentes que sofrem de problemas de depressão - muitas vezes desencadeados por separação, alcoolismo, drogas e abuso sexual - aprendem a falar do próprio sofrimento e recebem tratamento no Centro de Saúde Mental Comunitária. No lugar do tratamento restrito aos remédios, yoga, musicoterapia, argiloterapia, massagem e terapia com ervas. É assim que elas reencontram a auto-estima e a vontade de viver.

Segundo o psicoterapeuta e criador do Centro, padre Rino Bovine, os proble-

mas mentais são provocados, na sua maior parte, pelo próprio meio. "A miséria favorece a depressão, o nervosismo e a psicose. Além da perda da auto-estima, essas mulheres têm o problema da pobreza e o desafio de serem analfabetas", afirma.

Além do acompanhamento terapêutico, as mulheres estão se profissionalizando com cursos de cabeleireira, manicure, arte de arranjos, entre outros. A atenção especial dada a essas pacientes é explicada pelo próprio psicoterapeuta: "a mulher é o ponto de base da família. Ela é a esperança de obtermos mudança", ressalta.

